

# A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e anúncios  
para o Paris, as 22, DAVID CORAZZI, 42, RUE  
de ALMEIDA LIMA, 1, BEATO, 46 RUE JOSÉ DE  
MELLO, 38, RUE DE CHATEAUX, RUE DE JAMBEIRO.  
Pedir de número 4 Paris, e franc.

7.º ANO.—VOLUME VII.—N.º 10

PARIS, 20 DE MAIO DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	1.100 REIS
TRIMESTRE.....	1.200 —
MES.....	500 —
AVULSO.....	100 —



OS PORTUGUEZES NO « SALON » DE PARIS. — GAIM

ESTATUA DE TRÍXIA LOPES.

## VARIACOES SOBRE ARTE

**C**OMEÇAMOS costum de ter artistas!... Levou seu tempo, levou mesmo muito tempo, muitos anos, muita tinta que coube pelas gazetas, muita descompostura nos governos, muita stava na Academia, muitas promessas de glória aos jovens, muitos aplausos, muitos objetos impressos, algumas telas compradas por particulares, vários avisos de que Alberto d'Ólveda era o Duce ex-mártir, — e assim se formou o batizado dos artistas portugueses.

Ha dez annos seria difícil comar at: reis. Hoje a mein diazinh o transposta com gloria para a noite terra. Vão contando: — Alberto Nunes, Silva Pinto, Columbano, D. Maria Augusta, Raphael Bordalo, Souza-Pinto, Ramalho, Malhoa, Vaz, Gremi, Villaverde, Condéixa, Teixeira Lopes, Thomaz Costa, Salgado, Reis, Rato, Melo, Braga, Rodrigo Soares, Marquess d'Oliveira, Benarus, Manuel Gustavo, Ferreira, etc.

Nesta lista é excusado incluir o nome d'uma ilustre senhora que é um escultor distinguidíssimo, porque o seu nome está sempre presente à memória de nós todos, de cada vez que se fala em Arte portuguesa. Refiro-me à illustre autora da *Semelhança* e da *Santa Thérèse*. Refire-me — à senhora Duquez de Palmella,

Também sem ingratiar esquecer um nome ilustre que firma uma deliciosa paixão que todos os dias tento ditar dos meus olhos, por cima da minha banca de trabalho. Atitude a Arthur Loureiro, o grande paisagista português, que emigrou para a Australia, no dia em que pensou que em Portugal não havia bastantes compadres para fazer viver todos os artistas que vão surgindo no nosso país.

Arthur Loureiro foi talvez precipitadamente pessimista. A situação do artista português melhorou consideravelmente de anno para anno, assim como a situação do homem de letras.

O nosso país acordou — lentamente, é verdade — mas acordou para as coisas da Arte e da Literatura. E como artistas e litteratos se emanciparam da velha tradição da bohemia, transformando-se em homens praticos, mendo a glória, sem por isso desdenharem o bem estar — sucede que hoje em Portugal já um homem pode viver pelo pincel ou pela pena, sem grandes terror-respito dia de amanhã, sem precisar acumular *pinturas* e *amontoamentos*, como sucedia ainda há bem pouco tempo...

Parece-me que posso ser perito n'esta matéria, e fallar-te mais como exemplo, e não como valade...

Ora ainda me lembro do terror que se apoderou de todo a minha família, no dia em que lhe anunciei que tomava por ofício o *jornalismo*. Nem sei como não houve conselho de família, e me não meteram na casa da correção!

— Que desgraça! diziam os parentes em coro. É um rapaz perdido! Podia formar-se, ou assentir praça, ou tomar ordens, ou ir a um concurso para amanuense... Não señor! Quer andar a monte de fome pelas gazetas!...

A observação naquela época (1879) era justa. Quando se ganhava cinco reis por mês numa redacção, era preciso ter dado provas... Não é como hoje, que o mais insignificante reporter lisboeta já pede por mês entre 40 e 50.000 reis!

Efectivamente, que é muito mais tranquillo ter o ordenadinho garantido pelo Estado; que não é agradável passar horas e horas a queimar as pestanas, para poder ter certo almoço-lito no dia seguinte. Mas também n'aquelle dolor fár-niente do amanuensio há muitos amargos de bocas; em quanto que na lucro polo estomago, do artista independente, há muita alegria e muita liberdade.

E a história da fabula do cão de quinta e do cão d'estrada. Aquelle, gordu e luzidio; este, magro e lazarento. Aquelle contando-lhe a vida feliz e regalada; este as misérias e as fomes. Aquelle convidando-o a fazer-se cão de quinta; este, meio tentado com a gordura do seu semelhante, perguntando-lhe que signal é o que ele tem em volta do pescoço!...

— Nada, amigo! é o signal da coleira com que muitas vezes me prendem!

E o cão d'estrada mandou o amigo a fava...

e ainda corre a estas horas, em plena Liberdade!

Voltemos uns nossos artistas.

Ha muito que ellos se não afirmam d'um modo tão superior e tão notável, como este anno, no *Salon de Paris*.

O nosso ilustre Columbano — natureza artística ainda incomprehendida e em desacordo com o meio lisboeta, artista que nasceu para viver entre artistas hespanhos ou artistas holandeses — o nosso ilustre Columbano expõe dois retratos: do poeta Anthero do Quental, e do actor João Rosa. Quando lhes disser que a cabeça de Anthero tem o que quer que seja da vida intraduzivel das cabeças de Van Dyck, e que o retrato de João Rosa me lembra certos retratos de Peardo, assignados por Velasquez — creia que lhes tenho dito o que sinceramente sem, quando no *Salon* deparrei com essas duas telas de Columbano.

Teixeira Lopes surpreende-nos com o seu deslumbrante marmore — Cain — e com o seu grupo em gesso — Viúva. É um grande artista, que vai ocupar um dos primeiros lugares na Arte portuguesa d'este século, um lugar sem dúvida igual ao que ocupa o nome de Soares dos Reis. Um português, sceptico ilustré, grande apaixonado e grande entendido em coisas d'Arte, para o qual os mestres da Europa e da America não tem segredos, um dos raros portugueses cujo espanto e cuja critica me é sempre grande ouvir, admirar e aplaudir; exclamou, depois de ter visto o Cain e a Viúva: — Ora ainda bem que temos um Escultor!

Também Thomaz Costa, outro distineto escultor, expõe um bello bronce, um rapaz atraindo afetuosa, e uma primorosa cabeça em cirepero, do dr. Mello Viana — um companheiro dos tempos do Martinho, com Fialho, Marcellino Mesquita, Fortunato da Fonseca, e outros. O dr. Mello Viana terminou o seu curso de medicina em Lisboa, e veio para Paris estudar doenças d'olhos. Hoje é chefe de clínica oftalmologica no consultorio da avenida dr. Winkler. Não é preciso por mais na cara!

Voltando aos pintores, encontramos no *Salon* dois quadros de Salgado, duas scenas da Bretanha, tratados com um vigor e uma franqueza que logo me lembraram as telas de Silva Porto.

Devo prevenir caridiosamente os 1.500 Zacharias d'Araújo que Lisboa hoje possue, que estas comparações faço-as, não para fazer critica, mas para tornar mais comprehensiva esta chamariza do publico que me le, e que por em quanto este paiz iniciou as coisas d'arte. Eu tenho este detetivo — gostar que todos me entendam, e nunca escrever uma linha, nem para privilegiados, nem para mandantes da critica. E talvez por isso que os mandantes da minha terra me detestam. Pacencia!...

Continuemos:

Quando Salgado tiver completado a sua educação em França, e tiver feito uma viagem de estudo pelos museus da Belgica, da Holanda, da Alemanha e da Italia, e se for estabelecer em Portugal — entro o nosso campo, a nossa paisagem, terá mais um bello namorador, mais um bello poeta. Ha de ser o nosso Julian Dupré.

Souza-Pinto de novo nos maravilha com os prodígios de habilidade do seu pincel, com a delicia do seu colorido e os primeiros do seu desenho.

Tem todos os elementos para ser um grande artista, em toda a acceptação da palavra. Falta-lhe apenas um, de que elle se esquece muitas vezes, todas as vezes que pensa em nos deslumbrar a vista, sem se importar em nos deslumbrar ao mesmo tempo o espirito. Esse unico elemento que lle faltu, chama-se — a Alma.

Um bocadinho d'Alma nos seus quadros — e todos seriam verdadeiras obras-primas.

E por estas e outras que Cabanel passa — e que Millet fica... para sempre!

Ainda mais dois pintores, ambos expoem retratos — o sr. Mello que expõe o retrato do seu amigo Faria e Maia; e o sr. Brito que expõe o seu ato d'uma senhora. Ambos prometedores de talento, ambos revelando qualidades importantes de estudo e de progresso.

E aqui temos como o pequeno Portugal — paiz onde o conselheiro é um Deus, e o artista um

esquecido da Sociedade e do Estado — aqui tem como Portugal, em 1890, se apresenta no *Salon de Paris*. Columbano destacando-se ao lado dos principais pintores de retratos; Teixeira Lopes destacando-se ao lado de escultores como Falguerre e Chapu.

Agora, pergunto eu:

É decente, é justo, é patriótico, que o Estado, perante revelações incontestáveis d'esta ordem, constitue de braços cruzados, confiando os destinos d'uma arte nacional a esse coiso pingona, rabugento e intravato, que se chama a — Academia de Bellas-Artes de Lisboa?...

Li admívimo a resposta. Eis-a:

— Tanto o Estado esti decidido a olhar seriamente pelas Bellas-Artes, que o actual governo creou por decreto dictatorial de 9 de abril de 1879, um ministerio de instrucção publica e Bellas-Artes, cuja pasta foi confiada ao sr. João Arroyo.

Ora aqui é que está o perigo! O sr. Arroyo foi por um acaso, por uma contrada ou descarrilamento da politica, parar a um novo ministerio no qual nunca havia pensado...

O sr. Arroyo não percebe absolutamente nada de Bellas-Artes — o que não é vergonha, nem crime, nem signal de falta de talento ou estudo. Mas o facto é que não percebe!

Para fazer qualquer reforma, ha de chamar para o seu lado os magnates da direcção geral d'instrucção publica, e da Academia de Lisboa. Eo bastante para as coisas ficarem peior do que já estão!

Se o novo ministerio, para ser grande, como dizem os jornais do seu partido, se lembra de chamar para o seu conselho gente de fôrta — também já sabemos o que nos espera...

Assim como temos os ss. Luiz Palmeirim, Alberto Pimentel, Zacharias d'Araújo, feiticos censurados dramáticos por obra e graça do sr. Arroyo, assim teremos por obra e graça do mesmo sr. Arroyo — os ss. António Thomaz do Fonseca, José Ferreira Chaves e Zacharias d'Araújo, reformadores e reorganizadores das Bellas-Artes em Portugal.

É o que se chama, passar de mal para peior. E é o que o povo chama — passar de cavalo para burro!

Pelo amor de Deus, sr. Arroyo, não toque por enquanto nas Bellas-Artes!...

Não toque por enquanto nas Bellas-Artes, enquanto os nossos artistas se não decidirem a estudar maduremente a sua arte — situação d'um artista em Portugal; necessidade d'intervenção do Estado, para reunir todos os esforços que andam ao desamparo; necessidade d'um Estado auxiliar as exposições anuais em Lisboa; necessidade d'uma verba no orçamento para a compra de obras d'arte; necessidade d'uma reforma dos programmas e do metodo d'ensino; necessidade de separar o actual museu em dois — arte ornamental, e arte propriamente d'arte — etc., etc., e ainda mais etc...

Pelo amor de Deus, sr. Arroyo, não toque por enquanto nas Bellas-Artes — alias temos deparado...

Não disse por parte do sr. ministro. Mas fatalmente por parte dos apologistas do *status quo*, que hão de ter voto na maioria, porque são elles que reinam no ministerio.

...

Agora é a vós que eu me dirijo, artistas meus amigos!

Ha dez annos que vivemos juntos, ha dez annos que em Paris e em Lisboa temos discutido os vossos interesses e alimentado as mesmas ilusões. Ha dez annos que eu venho para a imprensa, defender as vossas obras e os vossos interesses, de cada vez que é preciso fazê-lo com energia. Tenho por esse facto recebido muitos insultos e criado bastantes inimigos. Não faço caso dos primeiros, e río-me serenamente dos ultimos.

Ons é em nome d'esta velha camaradagem, e para bem de vos todos, que hoje vos digo:

— Reuniu-vos todos, quanto antes, para discutir os vossos interesses, e para ver ate que ponto o Estado deve intervir na organização e futuro da vossa classe. Comparecer a vossa situaçao, com a situação dos artistas em França; o nosso ensino academico, com o ensino academico frances. E fazei quanto antes uma petição ao novo ministro!...

Se não fazem isto quanto antes, se não se im-

põem, se não luctem, deixam que um animal domínio — o *burocrata* — se introduza na organização das Bellas-artes em Portugal, e os meus amigos estão perdidos...

Porque o *burocrata* é como o *philhaver* — apenas entra na vinha, dá cabo d'ella!

MARIANO PINA.

#### EMPRESTIMO DOM MIGUEL

No proximo numero da *ILLUSTRAÇÃO* publicaremos um curiosíssimo documento relativo ao **EMPRESTIMO D. MIGUEL**, e que ha de ser visto com grande interesse pelo público português.

## O ESPECTRO

**A**PPAREceu efectivamente à venda no dia 3 de maio corrente, em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra, o 1.<sup>o</sup> numero do pamphlet hebdomadário — *O Espectro* — « castigo semanal da política » — de que é redactor o nosso director Mariano Pina.

Este 1.<sup>o</sup> numero foi recebido com verdadeira sympathia pela imprensa da oposição, sendo algumas paginas transcritas com muito elogio pelo *Diário Popular*, de que é director o sr. conselheiro Mariano de Carvalho, pelo *Século* do nosso collega Magalhães Lima, e pelos *Pontos novos* i i do nosso querido amigo R. Bordulho Pinheiro.

Mas o que é ainda mais symptomático do successo que tem tido o *Espectro*, é a quantidade de bilhetes de visitas e de cartas de *parabens*! que Mariano Pina recebe todos os dias em Paris, de dezenas de leitores que elle não tem a honra de conhecer pessoalmente — e que o felicitam pelo seu grito de guerra contra os dictadores, e contra a pessima política que se está seguindo em Portugal.

O 1.<sup>o</sup> numero do *Espectro* era uma simples apresentação e declaração de guerra...

O 2.<sup>o</sup> numero que apareceu no sabbado 10 de maio, era todo dedicado ao novo augmento dos impostos, a uma analyse do discurso da coroa e das prerrogativas reaes, e à organização da nova censura dramática.

O 3.<sup>o</sup> numero que apareceu no sabbado 17 de maio explicava as causas do desastre do emprestimo de Paris, as responsabilidades que incumbiam ao sr. Hintze Ribeiro, os actos diplomáticos d'este ministro, etc.

*O Espectro* está destinado a um largo futuro, porque sae absolutamente para fera de todos os processos indígenas de combate político, tendo as maiores audacias de critica, sem nunca empregar expressões que pudessem destoar na boa sociedade, e sem nunca emplegar torneios de estylo e de phrase que o tornasssem confuso para o pov. E esta a sua grande força.

Nós recomendamos vivamente a todos os leitores da *ILLUSTRAÇÃO* que não só leiam o *Espectro*, mas que recommendem a sua leitura a todos os seus amigos, porque no *Espectro* encontra-se a pintura exacta da nossa vida política.

O *Espectro* sai todos os sabbados. Cada numero custa 50 reis. Assignatura por mez 200 reis — por trimestre 600 reis.

São depositários em Portugal :

No Porto — Livraria Civilização, rua de Santo Ildefonso, n<sup>o</sup> 12.

Em Lisboa — Filial da mesma Livraria, travessa de Santa Justa, 65, 2.<sup>o</sup>

A venda em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra.

Manda-se um numero « gratis » a todo o leitor da *ILLUSTRAÇÃO* que o peça pelo correio à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO, rua de Santo Ildefonso, 12, Porto.



#### AS NOSSAS GRAVURAS

**O SALON DE PARIS DE 1890.** — Queremos no presente numero dar uma maior extensão às gravuras reproduzindo algumas das telas e esculturas mais notáveis da actual *Salon de Paris*, onde Portugal figura tão brillantemente, graças ao talento dos moços artistas que honram em França o nome português.

Mas sucede que este nosso numero do *Salon* coincide exactamente com as gravuras das manifestações socialistas do dia 1.<sup>o</sup> de maio, e eis-nos obrigados não só a ceder o lugar das gravuras aos crônicas dos tumultos, mas ate a deixarmos invadir o nosso texto por esses erros. A isso nos forja o socialismo que no dia 1.<sup>o</sup> de maio pôz em alvorço toda a Europa — ate o nosso pacífico Portugal — obrigando os governos a pegarem armas para evitar alguma surpresa.

No *Salon* d'este anno vemos figurar notavelmente Columbano — o nosso illustre Columbano — com os retratos do poeta Anthero do Quental e do actor João Rosa.

Souza Pinto com dois encantadores quadrinhos de gênero, e um pastel, estudo an ar livre — sem duvida o trabalho mais vigoroso do seu *Salon*.

Salgado, que nós veremos em breve, tão forte e tão original como Silva Porto, com dois quadros de campo.

Mello e Brito, cada um d'elles com dois conscientiosos retratos.

Na secção de escultura — Teixeira Lopes apresenta-nos *Caim*, um maravilhoso marmore da mesma escultura em gesso exposta no *Salon* do anno passado; e um grupo em gesso *Viana*, admirável de vigor e de sentimento.

E Thomas Costa expõe um bello bronze — um rapaz jogando a pedra — e uma magnifica cabeça do nosso querido amigo e nozel especialista de doenças d'olhos o dr. Mello Viana.

Eis aqui — se a memoria nos não falha — enumeradas todas as obras dos artistas portugueses no *Salon* de Paris de 1890. E nós que temos visto e estudado sucessivamente nhas exposições annuas de bellas-artes, nhas *Salons de Paris*, podemos afirmar que nunca vimos Portugal ocupar um lugar tão brilhante e tão notável como occupa este anno, que nunca vimos os artistas portugueses em tão grande numero e em tamanha superioridade sobre os artistas de todo o mundo que expõe todos os annos no Palacio d'Industria.

Oxalá que este esforço dos jovens artistas nacionais seja comprehendido do actual ministro d'industriação publica e belas-artes; oxalá que o actual ministro procure estudar e resolver as questões d'arte, chamando para o seu lado, para uma reforma radical do nosso ensino artístico, quem realmente intenda do assumpto.

Infelizmente pedimos licença para duvidar... quanto este ministerio se conservar no poder!

Quando olhamos para o mundo como foi organizada a censura dramática e como foram encerrados os censores — é mais que certo que o sr. Arroyo também hade confiar no sr. Zacharias d'Acau um plano de reformas nas nossas Academias de Lisboa e Porto...

Artistas portugueses! Não vos deixeis ludibriar!... Quando se possue o vosso talento, serão realmente um desastro não vos vir-vos para resistir com tenacidade ás phantasiás burocráticas d'um sr. ministro que tanto percebe de Bellas-Artes, como do ministerio de marinhas e colónias... donde os seus collegas o mandaram passar!

Atenção, artistas! Esta chegado o momento de reagir — alias seres empalmados e sacrificados mais uma vez!...

Na primeira pagina do presente numero apresentamos uma reprodução em photographia da *Cain* de Teixeira Lopes. É feita sobre a photographia

tira da do gesso, pois ainda não ha photographia do marmore.

Por ahi verão os leitores que extraordinarias qualidades do artista — de artista de genio — posse o moço sculptor português. E' o caso de dizer que surge Alguem para a arte portuguesa... A *prece*, a atitude indiferente, a physionomia fria e o olhar impenetrável de *Cain*, onde se revela o assassino — tudo n'esta figura é exprimido e comprehendido d'um modo superior.

acompanhamos o *Cain* com um retrato de Teixeira Lopes, copia d'um retrato a alegro do seu pintor Salgado, desenho do actor, retrato que figura no *Salon* de 1883. E' uma tela trabalhada com um vigor e uma soleridade notaveis, onde o pintor nos mostra o autor de *Cain* no seu atelier de Paris, na rue Denfert-Rochereau, que todos os artistas portugueses que tem vindo a Paris conhecem tão bem como nós.

Em desenho de Salgado, feito expressamente para a *ILLUSTRAÇÃO*, tambem revela um fino desenhador, conhecendo todos os segredos e tudes as faturas da que uma pena é capaz, quando manejada por um artista de merito.

Felicitando Teixeira Lopes e Salgado pelas gravuras que hoje nos proporcionam e que tanto honram a arte nacional — esperamos que os nossos collegas da imprensa portuguesa una vez as menos façam justiça, concordando em que a *ILLUSTRAÇÃO* é a revista ilustrada portuguesa onde o público tem encontrado as mais escrupulosas reproduções das obras d'arte nacional.

Francesente, já começá a fazer-nos coegeras a ouvir de elogios a todas as publicações ilustradas que mais ou menos seguem a ostenta da *ILLUSTRAÇÃO*, sem nunca conseguirem excedê-la ou igualá-la em impressão, papel, gravuras e modicidade de preço; — enquanto que para o nosso jornal, que ha sete annos luta corajosamente pela vida, pela Arte e pela Literatura... nem uma palavra!

Unaidea, porém, nos consola. É que as outras publicações ainda nos não excederam; todas vegem a algumas merecem!

E a *ILLUSTRAÇÃO* — elevado Deus e a má lingua — ca vai seguindo o seu caminho, sempre com o favor do publico.

Talvez por que pensamos mais em fazer um bom jornal — do que em solicitar reclames pelas redações dos jornais.

E é também por isso que desejamos *bonne chance* nos nossos estimáveis concurrentes!

• •

Uma outra pagina do *Salon* d'este anno, admiravelmente interpretada pelo nosso illustre gravador Ch. Baudot, é o *Nascimento da perola*, quadro de Alberto Maignan.

Este nome não é desconhecido para os leitores da *ILLUSTRAÇÃO*, que já tem visto na nossa revista firmando quadros muito apreciaveis.

O *Nascimento da perola* não é uma tela d'uma poderosa originalidade, peccando mesmo por certos exageros de colorido. Mas como composição e desenho é d'un effeito agradabilissimo, deixando a vista encantada, já pelo assumpto, já pelas figuras que são elegantemente traçadas.

A scena passa-se no fundo do mar. O mergulhador desce, abre a ostra, e a perola symbolizada n'uma adorável figura de mulher — nasce para o mundo!

Eis a phantasia, que nos parece ha de ser vista com prazer, especialmente pelas nossas leitoras. Ao *Nascimento da perola* tambem se pode chamar — um beijo d'amor!

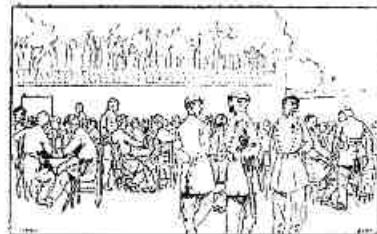
**O DIA 1.<sup>o</sup> DE MAIO EM PARIS.** — O dia da grande manifestação socialista tomou tamanha importancia em toda a Europa, que não podemos deixar de lhe consagrar algumas paginas da nossa revista, mostrando aos leitores varios aspectos da manifestação nas ruas de Paris.

Pelos desenhos e photographias instantâneas que reproduzimos verá o publico que extraordinarias precauções tomou o governo francês para impedir tumultos, e alguma surpresa audaciosa dos revolucionários e anarchistas.

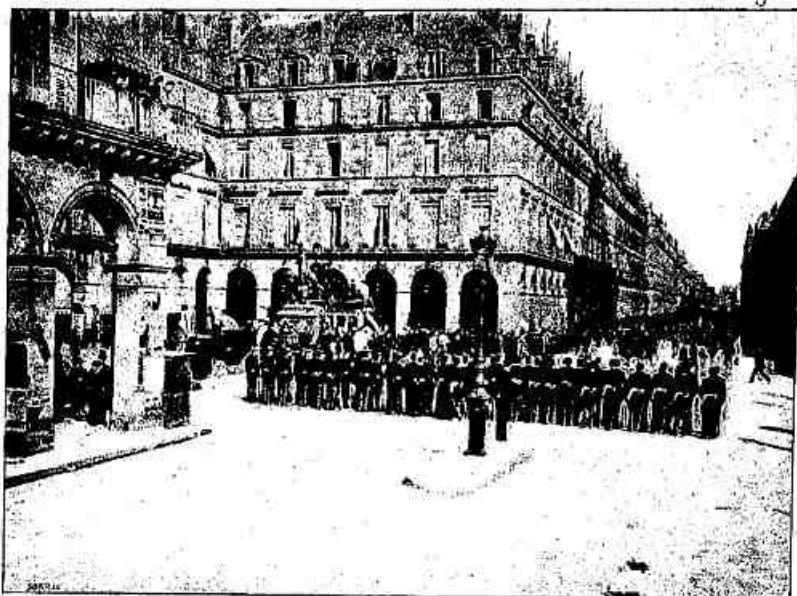
Foram chamados a Paris varios regimentos de caçadores. A manifestação devia ter lugar desde o Hotel de Ville, pela rue de Rivoli, ate a praça da Concordia; e da praça de Magdalene, rue Royale; praça da Concordia ate à Camara dos deputados, onde uma delegação de deputados socialistas e de operários devia entregar um abaixo assinado ao



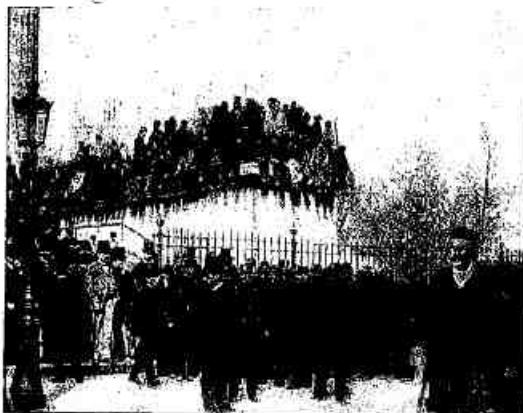
OFICIAIS DE GUARDAS NO DIA 30 DE ABRIL.



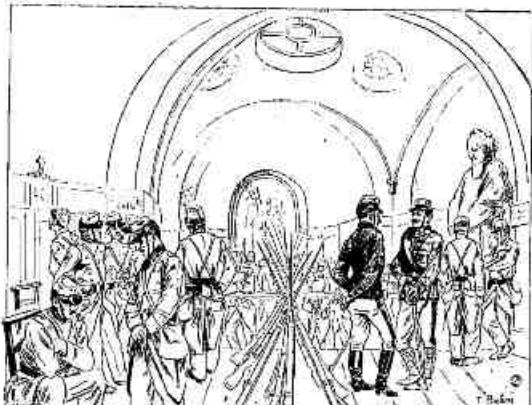
SUBERRETE À POLÍCIA NAS TUILERIAS.



A RUA DE RIVOLI NO DIA 1.º DE MAIO ÁS 2 HORAS DA TARDE.



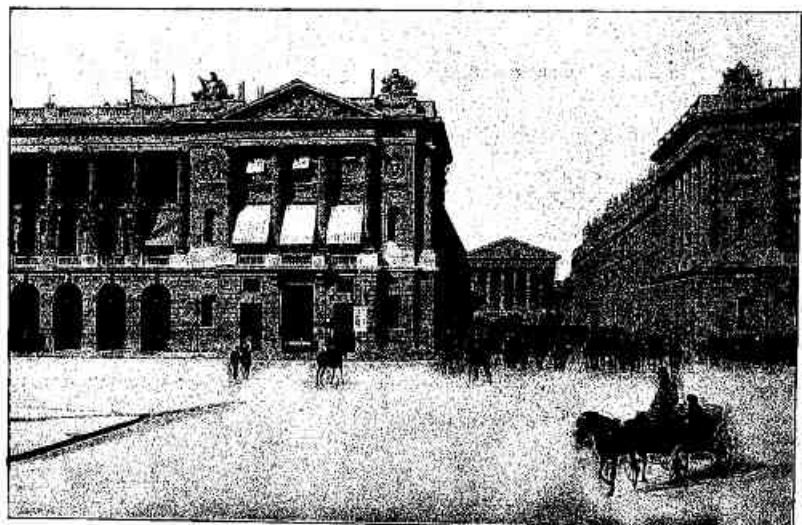
O PERISTILO DA MAGDALENA ÁS 3 HORAS DA TARDE.



SOLDADOS DE PREVENÇÃO NA IGREJA DA MAGDALENA.



O MARQUES DE MORES.



PRAÇA DA CONCORDIA E RUA ROYALE ÁS 4 HORAS DA TARDE.

O DIA 1.º DE MAIO DE 1890 EM PARIS.

MÓDULO DOS CACETES APANHADOS PELA POLÍCIA.



O ESCULPTOR PORTUGUEZ TEIXEIRA LOPEZ, NO SEU ATELIER EM PARIS.

QUADRO DE SALGADO (SALON DE 89). — DESENHO DO AUTOR.

presidente da Câmara, pedindo-lhe para propor ao parlamento a lei das 8 horas de trabalho.

A rua de Rivoli, o pátio da igreja da Magdalena e a rue Royale estavam guardadas pelo mundo como vêem nas nossas photographias instantâneas. E dentro da igreja da Magdalena estavam esquartejados os soldados do caçadores. Em todas as casernas de Paris as tropas estavam em prevenção.

Em Paris houve poucos tumultos, e o dia passou-se quasi tranquillamente. Operaram-se algumas prisões, e não houve um único conflito sério, nem com a polícia, nem com a tropa. A dispersão dos grupos no boulevard da Magdalena e na rue Royale fez-se sem grande tumulto. Só na rue Castiglioni, próximo da rue de Rivoli, alguns populares quiseram resistir à intimação da polícia, e níl houve um certo panico. Mas tudo serenou momentos depois.

E à noite era interessante ver as proximidades da Magdalena. Os populares daviam desertar do local da manifestação; e só a polícia velava ou dormia pela segurança da ordem pública.

Na pagina de erogis d'annés o retrato do marquês de Mores, gentilhomem socialista, amigo íntimo do duque de Luynes, que o governo mandou prender na véspera da manifestação, por ser um dos cabeças de muitos dos revolucionários exaltados. Na sua dúvida acerca do socialismo do marquês de Mores, que mais parece um pregador orleanista, disfarçado em socialista.

Logo abaixo do retrato vem um desenho do modelo de cacetes (uns 2000) que a polícia apreendeu antes da manifestação, e que eram destinados à cabeca da polícia e da tropa.

As precauções militares e policiais tomadas pelo governo da República foram das mais eficazes. Elas foram justíssimas, pois que seria absurdo deixar vir para as ruas uma revolução, quando sob o regime republicano todas as liberdades são garantidas, e os revolucionários podem eleger representantes seus que discutam os seus interesses no parlamento.

## A MODA PARISIENSE

MARÇO DE 1890. — TOILETTES PARA COBRIDAS

O meu colaborador artístico, com a elegância e fidelidade de desenho que já conhecem, mostram-nos hoje um delicioso grupo de parisienses assistindo a uma corrida de cavalos.

As corridas de primavera são em Paris, a partir do domingo de Páscoa, o *rendez-vous* da moda e da alta sociedade. E por isso que eu aconselho á leitora portuguesa que vier a París durante os meses de maio e junho, uma visita ao hipódromo da Longchamps ou de Auteuil. É ali que há de encontrar a ultima novidade em *toilettes* para passeio; assim como no inverno, às sextas-feiras na Grande Ópera, encontrarão os melhores modelos de *toilettes* para *sóiree*.

Os campos de corridas, assim como a sala da Ópera, são um verdadeiro encanto para vista.

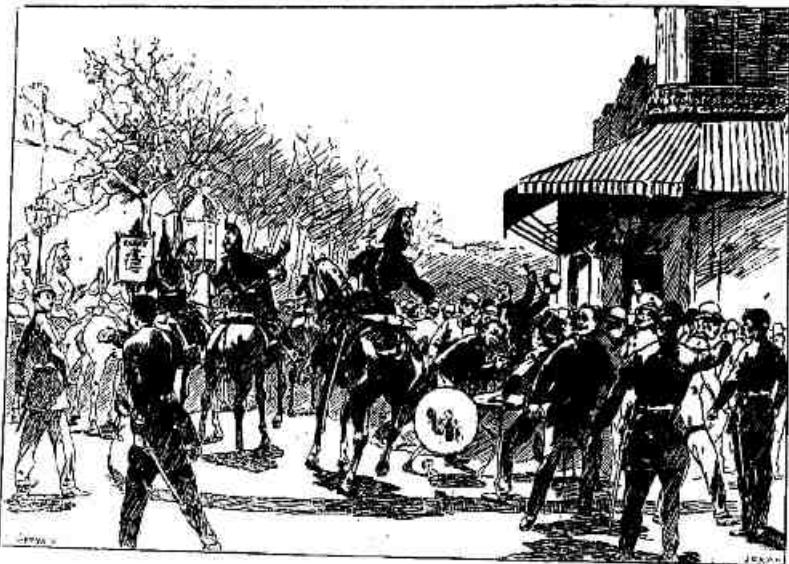
Descrever-lhes todas as novidades que descobri ultimamente no Longchamps e em Auteuil, seria impossível. Que deslumbramento de cores, e que arte na escolha de todas as linhas! Do escuro ao claro, a gama inteira descompõe-se em notas vibrantes ou díces; são undulações sem fim. Com tudo, há cores dominantes que fixam, por assim dizer, o tom geral destas variações. Por exemplo: o heliotropo, o *medie*, o azul de azulino parecem ser as cores favoritas.

Os chapéus, como já lhes disse, tem este anno as formas mais diversas desde a pequena *toque* (tanto na figura que se ve de pé, em cima da cadeira) até acelhadas extravagantes chamadas *petraces* (*girassões*). Mas estes modelos excentricos só são usados pelas senhoras da alta sociedade, nos banhos da mar ou no campo. Na cidade, estas andanças de chapéus não são de bom gosto e de bom ton. Nas corridas as senhoras da sociedade põem na cabeça os capotes — ou saiam corcetas de flores coloadas sobre os cabellos em forma de aureolas, ou seja o fundo do chapéu de flores e as abas de renda ou de palla. As novidades são, além de malinqueiras, flores de barragem, jacintos, clementinas,

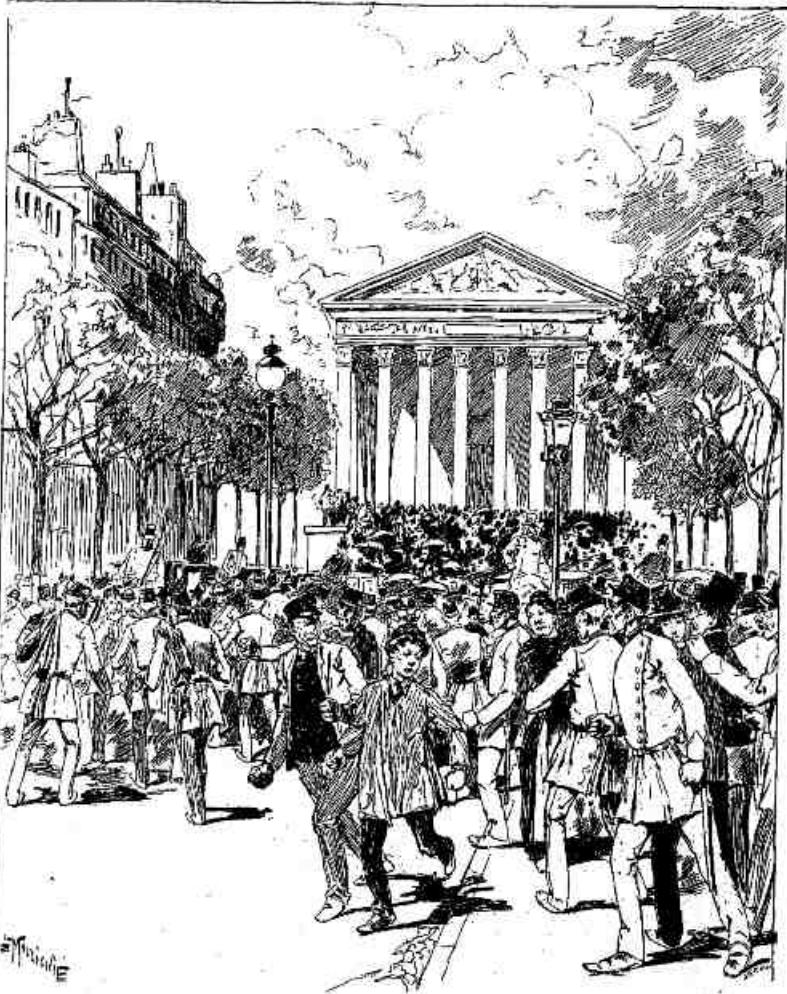
Continuam-se a ver sempre *Jaquettes*. As últimas modificações consistem na cópia do *smoking-jacket* dos homens, com as mangas eguais aos forros das abas.

*Jaquettes* de tulle, rendas e várzeas ou passamanarias, estão ainda na moda e são muito graciosas.

Os vestidos continuam sendo lisos, sem grandes variações, os corpos sempre justos o mais que for possível, e sem fecho aparente. As *toilettes* que não são tanto para

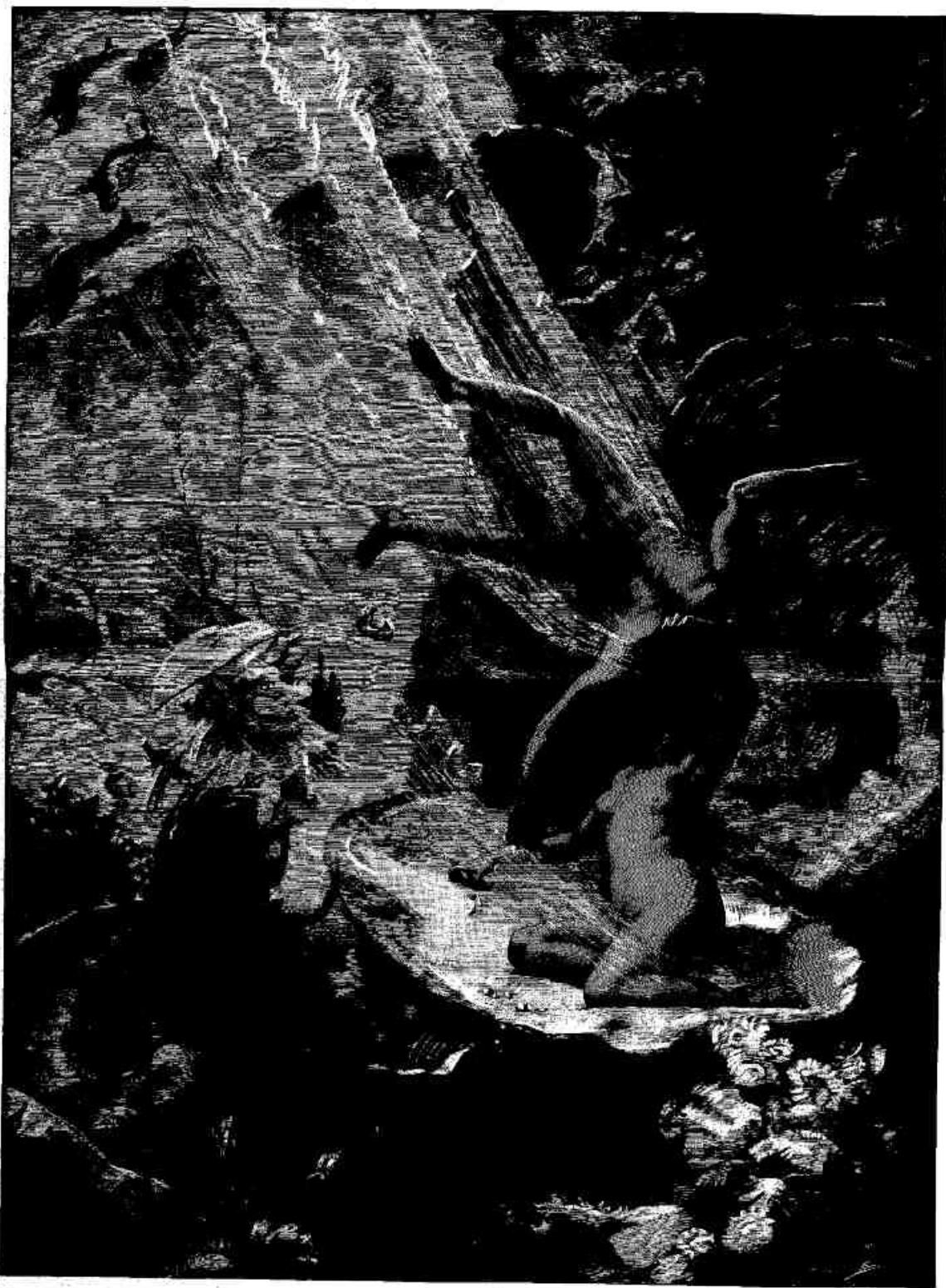


A GUARDIA REPUBLICANA A CAVALLO DESORSTRUINDO O BOULEVARD DA MADELEINE.  
A TERRACE DO GRAND-CAFÉ.



OS POLICIAS CIVIS FAZENDO EVACUAR A RUE ROYALE.

A ILLUSTRAÇÃO



SALON DE PARIS DE 1890. — O NASCIMENTO DA PEROLA.

*Quadro de Albert Mainguet. — Gravura de Ch. Baude.*

púscio, um damasco de seda com desenho Luis XV, tecem colordos adoráveis. Juntam a cintura fazendo algumas rendas, e o conjunto será soberbo.

O fundo de fundo preto com desenhos de cores terrosas, salmão, verde-água, amarelo desaventado, são muito lindas e dão um agradável. Tudo fazendo, assim como as coileções, bengalinas, popinetas, que supõem com vantagem as pingas, empregam-se com a chaminé «sui campeone». (jogo português) isto é, subida em apinhados até ao corpo; este, inteiramente composto de pingas naturais, põe na cintura.

Mas nenhuma de qualquer descrição minha, tem as leituras encantadoras dessenhos do meu colaborador. Por ali verão o que devem escolher, e o que lhes pode falar mais a caracter.

O que lhes aconsello é que devem seguir a moda parisiense, que tende cada vez mais a uma extrema simplicidade de toilettes. É preciso que as senhoras portuguesas se opportunity de idéias e no gosto das modistas nacionais, que só pensam em carregar as toilettes de fitas, rendas, velludos, passamanarias e vidrilhos inúteis, e por vezes muito ridiculos. Exijam extrema simplicidade e elegância nas toilettes, que é isto que constitui o segredo da bom vestir.

Aqui a proxima revista da moda parisiense, em junho de 1890.

Manus da Camara.

**TSARINE** POEIRAS RUSSO  
Author, Barroso, Intérêt  
PARIS, 1900.  
No. Book des Etalons. PARIS

## POETAS DECADENTES

**A**SSIM estava escrito no livro do destino! Havia de ser... Havia de ter por força poetas decadentes, mesmo quando os decadentes em França já são um grupo caido no esquecimento.

Também quando as modas já passaram e já acabaram em Paris, é que essas mesmas modas fazem a sua aparição em Lisboa, em plena Avenida. Assim é com tudo mais — com a política, com a philosophia, com a arte... com tudo!

Só ha uma coisa a fazer — é curvar a cabeça, e deixar passar a onda; seguindo com estas modas poéticas que não fazem mal a ninguém, a grande maxima do buddhismo : Piedade e Resignação...

Esperemos por Deus e por Buddha, que o sr. Lopo Vaz nos não mande processar e meter na cadeia, por uma tão singela sympathia pelo buddhismo! Bem sabemos que o seu código penal de 1884, é inexorável n'este exemplo — como todas as leis inexoráveis que há no nosso país... Todos se lhes sentam em cima! Se assim não fosse, nunca ousaríamos chamar por Buddha para as nossas palestras literárias...

Como amostra decadentista tivemos em primeiro lugar o Garibaldi volume do sr. Eugénio de Castro.

Poucos dias depois recebemos um folheto do sr. António de Oliveira-Sousa, intitulado *Açul*, com diferentes poesias também decadentes. Do *decadentismo* do sr. Oliveira-Sousa já os nossos leitores fizeram uma idéia pela sua poesia *Renascença* que publicámos no passado numero da *Ilustração*. Para o *Açul* analysámos em detalhe falta-nos hoje o espaço. Seu para outra vez — com todo o interesse que o poeta Oliveira-Sousa nos merece.

Em seguida recebemos do Porto um soneto do *decadente* de Xavier de Carvalho, um dos introdutores, sem dúvida, o primeiro introdutor e primeiro apostolo do *decadentismo* em Portugal. O seu a seu domo, Eis o soneto :

## A NEVROSE DO GAZ

A FALHA D'ALMEIDA.

Mas por fim no tom forte e áspero do Gaz Encontro finalmente alívio às minhas magoas;

A sua luz consola e é boa como as aguas

— Um mixto de setas, névoa fúcsia e lilaz...

Salpicas nos trottoirs as hysterics flamas  
E reflorestas o olhar à loira cocodrilo.  
Gaz! que lembras a cor branca do espormacenete  
E' quem deitilhas n'ânta as venenosas gammas.

Luz lyrical, ó luz! ou caso de joelhos  
Em frente aos teus clarões, santos como evangelhos  
É doce como amor d'uns sciós pequeninos,

E' tu que das alento aos meus vicios fieis...  
Tem piedade de mim, ó luz de tons crucis!  
Não craves na minha alma os dentes assassinos.

Porto, 1890.

XAVIER DE CARVALHO.

E quando estávamos a pensar nos decadentes portugueses, e no seu palavado exótico, eis que nos cae debaixo das mãos uma poesia do Deus decadentista, Paul Verlaine.

Coisa curiosissima... Ao referir a poesia de Verlaine que damos em seguida, não encontrámos absolutamente nada que justifique o estylo do sr. Eugénio de Castro, e de outros decadentes portugueses!

Ora leiam, e digam-nos se Verlaine se parece com os seus discípulos portugueses :

## PAUVRETE

Bon Pauvre, ton vêtement est léger

Comme une brume;

Oui, mais aussi, ton cœur, il est léger

Comme une plume,

Ton libre cœur qui n'a qu'à plaisir à Dieu,

Ton cœur bien quitté

De toute cette humaine, en quelque lieu

Que l'homme habite!

Ta part de plaisir et d'aise paraît

Pas suffisante;

Ta conscience, en revanche, apparaît

Satisfaisante,

Ta conscience que précisément

Tes malheurs mêmes

Ont dégagé, en ce juste moment,

Des soins supérieurs !

Ton boire et ton manger sont, je le crains,

Tristes et mornes,

Seulement ton corps faible a dans ses reins,

Sans fin ni bornes.

Des forces d'abstinance et de refus

Très glorieuses

Et des allés vers les ciels entrevus

Impérieuses !

Ta tête fronde des mets et du vin,

Toute pensée,

Tout intellect conforme au plan divin,

Haut redressée,

Ta tête est près à tour enseignement

De la Parole

Et de l'Exemple de Jésus clément

Et bénévolé,

Et de Jésus terrible, près au pleur

Qu'il fait qu'an verse,

A l'affront vil qui poigne, à la douleur

Lente qui perse.

Le monde pour toi, le monde affreux,

Devient possible,

T'environnant, toi qui croit malheureux,

D'oubli paisible,

Même t'ayant d'étonnantes douceurs

Et ces caresses !

Les femmes qui sont parfois d'après meurs,

D'aigres maîtresses,

Et de douloureux compagnons toujours

U'fes à l'op'jors presque,

Te jugeant mal fringant, aux gestes lourds,

Un peu grotesque,

Tout il fait incapable de n'aimer

Qui les voit belles,

Qu'à les trouver bonnes, et de n'aimer

Qu'elles en elles,

Et te pesait si léger que ce n'est

Rien de le dire,

Te dispenseront, tous compris au net,

De leur sourire,

Et te voilà libre à dormir, en roi,

Ses à ta table,

Sans mal l'attour (quel fléau pour un roi

Plus détestable !)

L'assassin, l'esroc et l'humble voleur

Qui n'y voient guère

De nuance, t'épargnen: comme leur

Plus jeune frère,

Des vertus surégoûtées, la

Prudence humaine,

L'autre, la cardinalite (an' colle-là,

Que Dieu ty mene !)

L'ambilité, l'ailabilité

Quasi célestes,

Sans rien d'affecté, sans rien d'emprunte,

Franche, modestes,

Nimbent ce dessin que Dieu te voulut

Tendre et sévere

Dans l'intérêt surtout de ton salut

A bien parfaire.

Et pour ange contre le vil méchant

Toujours stupide

La Clairvoyance qui guide en marchant,

Fine et rapide,

La Clairvoyance qui n'est pas du tout

La méfiance

Et qui plutôt serait, pour sommer tout,

La prévoyance,

Elicitant les gens de prime-saut

Sous les grimaces,

Faisant sortir la sotise du saut,

Trouvant les traces,

Et médusant la curiosité

De l'hypocrate

Par un regard entre les yeux planté

Qui brûle vite...

Et s'il ose rester des ennemis

A ta misère,

Pardonse-lui ainsi que l'a promis

Ton Notre Père.

Afinque Dieu te pardonne aussi, Lui,

Prends cette avance,

Car dans le mal fait au prochain, c'est lui

Seul qu'an offense,

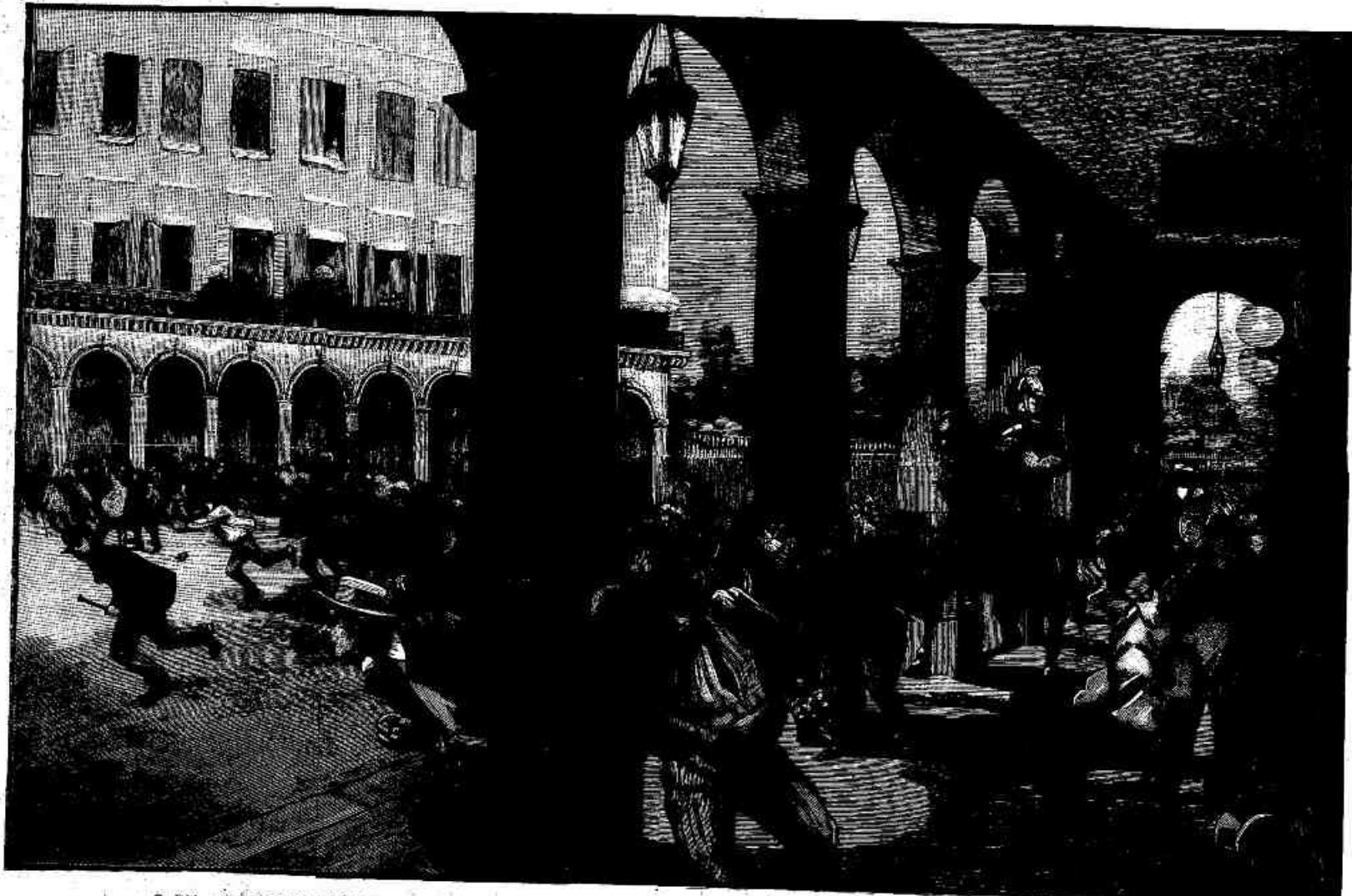
(Anse national de Vincennes, outubro 1897.)

PAUL VILMATE.

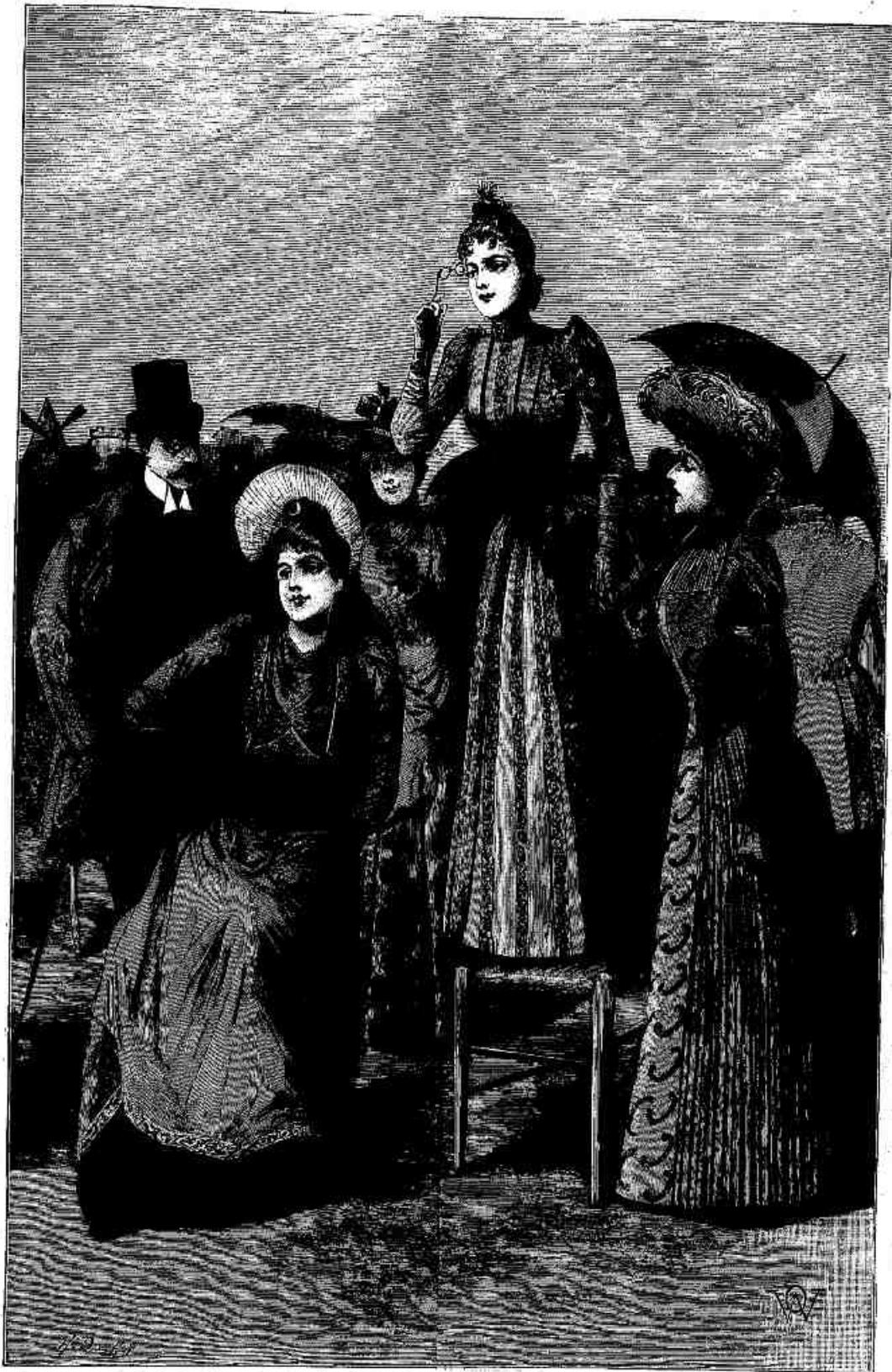
Ao mesmo tempo chegavam-nos as mãos as *Novidades de Lisboa*, anunciando a aparição dum volume *Yaristus*, dum extraordinário poeta decadente Gustavo Cano. E as *Novidades* publicavam algumas joias inéditas do volume em preparação.

Eram deliciosas paródias e satyras aos decadentes a valor, e que não resistimos à tentação de oferecer também aos nossos leitores, pois que nestas luecas quem tem sempre razão é Rabeca, quando nos diz que « é melhor rindo que chorar, porque o riso é próprio do homem. »

Mas quem será Gustavo Cano?... Não nos parece muito arriscado dizer que este pseudony-mo talvez oculte o nome de Alberto Braga — porque redactor das *Novidades*, é poeta, etern espirito para darc vender. Amigo Alberto, tire de lá essa máscara... Ahí vão as trocas:



9 DIA 1<sup>o</sup> DE MAIO EM PARIS. — A GUARDA REPÚBLICANA A CAVALLO FAZENDO EVACUAR A RUA CASTIGLIONI, À ENTRADA DO HÔTEL Continental.



A MODA PARISIENSE EM MAIO DE 1890. — TOILETTES PARA CORRILAS.

## VEGA...

Tout ton illa-lla et toutes  
tes trou-trous escorent l'étrein-  
te encyclopédique.

A. VENICE.

Vega! Desprende os teus cabellos brunos  
Na lactescência alvíssima do seio...  
Seio capaz de entender os tumos;  
Seio como um melão partido no meio.

Teu colo tem plenícias de begonha  
Iethaes resinas, pericos incensos,  
alvo como as cambraias da Saxonha  
de que se fazem vaporosos jengos.

Abre o teu LABIO, ó flor de belladonna,  
teu LABIO lento, liqueficiente, lasso!  
e a tua VOZ de triunfal Madona  
deixa EVAIR no flavescente espaço ..

Teus CINCO DEDOS, eu a arder em zelos.  
Vega da Lyra imperial, bl clara,  
teus DEDOS alvos, que prazer comel-los,  
com CINCO pastéis de Santa-Clara.

São como fitos, filiformes fusos,  
rubros como cíbaricos medronhos,  
e finjam-se a falar fios confusos  
na verde maçaroca dos meus sonhos !

N'esse teu PEI cambrado e diminuto  
faría contas o meu labio em bico,  
contas de beijos que afinal deglito  
Vega auroral, meu tragico amorico !

Estendo para ti MÃOS ASSASSINAS  
como quem quer estrangular um astro...  
mas dos teus OLHOS as lilases MENINAS  
incrustaram-se em mim, como um emplasto.

Como a freira no seu gazophylax!,  
fallo contigo, resperial e riste,  
e as nuvens TOMAM um matiz violacio,  
e o céu lembra um pavão de CAUDA em riste.

E eu penso, ó minha Eleita, ó minha Amiga !  
que a tua fina e GLACIDA epiderme,  
é bem mais alva que farinha triga  
feita de grão que não ataca o VERME.

Nas tuas fertes e onduladas ANCAS  
Intem mundos de amor... querro abraçai-as  
com braços triunfantes, como retrancas,  
e em phrenesis d'amor, excial-us...

N'esta paixão VENERAMENTE intensa  
meu flavo coração é um prisioneiro,  
fechado à CHAVE, n'uma cella immensa,  
mais INQUISICIAL que o Liméciro ...

Marcos de Canavozes:  
A's primeiras Horasencias do anno de 90.

## BELLONARIA

Abre-se a clara manhã  
Ao longe vem, rico de cores,  
Rataplan, rataplan,  
O batallão de sajá lores...  
Rataplan! rataplan!

Vistoso monstro! alegres notas,  
Pela manhã,  
Marcam, betendo, as fortes batatas!  
E rataplan...  
Que grandes batatas!  
Rataplan, rataplan!

Seus aventureiros, brancos,  
Coisa louca!...  
Marcham garbosos  
E rataplan!  
Vão para as guerras de Tancos,  
Rataplan, rataplan!

X

Passa o vistoso batallão,  
Passa a manhã...  
O dia finda e o rataplan  
Retorna então...

Voltam das guerras de Tancos,  
A' Patalhá...  
Vem todos mancos...  
Mas rataplan!

Sornia, 15 Floridor.



PTYCHOTIS, Victoria, Bla branco, etc.  
Creme rosa, marfim, creme de rosas, para Largo  
AQUA COLONIA REAL  
Perfume delicado e durável para o Toalete  
SABONETE DULCIFOLADO  
de certa impenetrabilidade para a Pele

## NO LAGO

(A Alberto Braga)

Que efeitos são os que sinto,  
Serito efeitos de amor!  
Dirceu.

Uma historia pequena e bem singela  
Phantasiás de dois enamorados  
Que em meigo eclaro scintilar de estrella  
Eu encontrei na sebe d'uns vallados.

Lobrigui de manhã, dentre o silvedo  
Onde chilrava alegre um passarinho,  
O mais gracioso e timido segredo,  
N'este suave e doce bilhetinho :

\* \* \*  
— Hontem, filhinha, quando te assentaste  
N'aquelle velho banco, ó fulva messe,  
Remordicando a pequenina haste  
D'um arbusto gentil que nos conchece,

Quando eu via, no lago palpitante,  
As nuvens, pardacentas, como rolas,  
(Porque eu tonho um pensar extravagante,  
E umas originalidades... tolas)

Mal tu sabes no que eu pensava, linda,  
Quando os patinhos iam fluctuando,  
A' morna luz d'aquelle tarde infinida;  
No argento espelho, que tremia arfando.

Vou confessar a extravagante idéa  
Que eu embalei nas tuas loiras tranças,  
Aos primeiros clarões da lua cheia,  
Quando via brincar essas... crianças.

Mergulhavam na agua, de repente,  
E, quando vinham lá as ondas cérrulas,  
Sacudiam o líquido escorrente  
Que deslisava em pequeninas perolas.

Depois corriam, caminhando unidos,  
Inflando as azas, como quatro velas,  
E eu... lá ia aafagando os meus sentidos  
Na curva ideal d'umas imagens bellas.

Mas quando os dois faziam piruetas,  
Fincando um pé, e davam cabriolas,  
Eu sentia uma ancia... umas venetas...  
| Parece até que tinham dentro molas! |

la subindo em mim como que um flato,  
Uma tortura extraña... um não sei qué...  
Uma vontade enorme de ser pato!  
(Sendo tu pata, filha, já se vê.)

Todo o meu corpo enchia-se de penas,  
Todo o meu coração era de brazas,  
Eu, si comigo, nas manhãs serenas,  
Cortando o lago, ia batendo as azas.

E eras tu só a minha companheira  
N'este desejo meu tão insensato,  
Que eu nem posso explicar d'outra maneira,  
— Esta vontade enorme de ser pato!... —

\* \* \*  
Aqui, de pranto um perenal diluvio  
Com largas manchas apagava a tinta  
Que elle traçara em amoroso estuvio  
N'uma serié de linhas quasi extinta.

Deixei de novo o timido segredo,  
Aquelle doce e meigo bilhetinho,  
Na madressilva casta d'olivedo  
Onde chilrava alegre um passarinho.

E no dia seguinte, á mesma hora,  
Na corola da flor meio escondido,  
Mal no seu carro despontava a aurora,  
Vi este ancioso e dulcido gemido :

Volei, Noite de julho. Estranhos pyramilos  
Punham pontos de luxo na escuridão dos campos.  
Ha que tempo isto fuí! Que estranha commoção,  
Eu senti dentro em Mim ao aportar-lhe a Mão!  
E nunca mais, Amor, ou estive a sóz comigo  
Um instanto sequer! Eis porque aqui te digo  
Que tenho ha muito tempo o coração de lucto,  
Mais negro que um carvão e a ponta d'um charuto.

Coimbra.  
A's ultimas bategas de agua de abril de 1890.

Um • NOVO.

\* \* \*  
E aqui deixamos francesas as columnas da  
nossa revista, para defensores e adversarios do  
decadentismo portuguez.

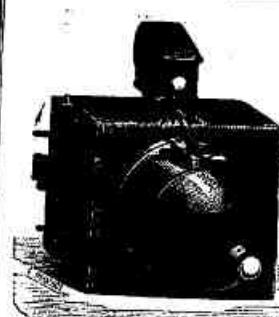
N. DA R.



# GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua do Colonia Imperial. — *Sapopetti*, sabonete do toucador. — Creme Jacobino (*Ambroisie Creme*) cristalhudo, para o cabello e o rosto. — Agua da Língua Líquida para perfumar e limpar a cabeça. — Maria Christiana. — Pele Musa. — Perfume de perfume. — *Heliotropo Branco*. — *Imperial Musa*. — Agua do Cítrico e agua do Chipre para o toucador. — Álcool de *Cachemira*, para a boca.



## COMPAGNIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE PARIS. — 7, rue Solérino. — PARIS

### O PHOTOSPHERE

Apparelho instantâneo breveté d'uma forma muito elegante, d'uma construção muito cuidada e d'um movimento absolutamente automático, permite à pessoa a menos experiente mandar o Photográphia de obter provas que necessitavam até hoje de cuidados e muitos mimos. Fotos e muito complexos, e da experiência absoluta do especialista. Permite fixar de relance e d'um modo duradouro as alegrias de que se é testemunha, que talvez nunca mais se prescreverão, e de que se poderá assim conservar uma recordação fiel e inalterável. Todo construído em metal prateado e oxidado, o peso é este apparelho é de 350 grammas, *classez* comprehensões. A sua maior dimensão é de 12 centímetros, e dá com a menor nitidez provas de 8 centímetros sobre q. — Pode-se pois dizer que é um verdadeiro *objeto*, destinado a tornar-se, entre os viúvantes e os amadores, o tipo por excellência apparelho photographico.

Preço do apparelho com trés chassis duplos **15 francos.**

Mira (visor) **8 francos.** — Estojo de couro preto para o trazer a tiracolo

**12 francos.**

Quatro chassis supplementar **10 francos.** A dobra de placas **8 x 3** **4 francos**

75 centímetros.

Caixas escaras metálicas brevetées em França e no estrangeiro do formato

**X 18 e 18 x 24.**

Fornecimentos gerais para photographia. Expedição gratuita de provas obtidas com o Photosphere.

### OH ! EU TENHO BONS DENTES

Quantas pessoas proclamam n'esta exclamação e se consideram dispensadas de qualquer hygiène, ate que a traíndura carie ataca os seus « belos dentes » produzindo-lhes o maior perigo! Nada é mais perigoso que essa imprevisão cujas consequências são sempre funestas, porque está demonstrado por contínuos exemplos que a melhor dentadura do Mundo não pode passar, sem cuidados higiénicos.

N'este punto se appóia a causa da imensa fama do celebre « Elixir dentríficio dos R. R. P. P. Beneditinos da Abadia do Soulae, que é o único, entre todos os seus impotentes concorrentes capaz de conservar aos dentes uma brancura e solidez constante, as geneivas una continua frescura e no bálsimo uma pureza inalterável.

Agente geral : A. Seguin. — Bon-deux.

Preço de venda em França, *Elixir* : 2, 4, 6, 8 e 10 francos.

Preço de venda em França, *Pow* : 1,25

e 2 francos.

Preço de venda em França, *Pasta* : 1,25 e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Cabellereiros, farmaceuticos, Dringuitas, Retrozeiros, etc.

### EXPOSIÇÃO UNIV. 1878

### Medaille d'Or *croix de Chevalier*

### LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

### Nova Criação

## PRIMAVERA E. COUDRAY

Inventor da

PERFUMARIA ESPECIAL DE LACTEINA

Tão apreciada da alta moda.

Sabonete ..... PRIMAVERA

Óleo ..... PRIMAVERA

Aqua de Toucador PRIMAVERA

Essencia ..... PRIMAVERA

Pé de Arroz PRIMAVERA

FABRICA E DEPOSITO :

PARIS 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas

Salão de Paris, 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS

Atendendo à grandeza das províncias francesas